

# Álvares de Azevedo e a *Revue des deux mondes*: a leitura como contestação

Natália Gonçalves de Souza Santos\*

## Resumo

Este artigo analisa a maneira como o escritor romântico Álvares de Azevedo se apropria das ideias veiculadas por periódicos franceses em circulação no Brasil do oitocentos, para elaborar seus ensaios literários. A fim de demonstrar sua relativa autonomia, conquistada graças a uma leitura altamente crítica, serão analisados dois desses ensaios: “George Sand: Aldo o rimador” e “Alfredo de Musset: Jacques Rolla”. O fato de ambos os textos traduzidos e comentados por Azevedo terem sido publicados num mesmo número da *Revue des deux mondes* (1833) sugere que essa publicação tenha sido uma das principais fontes consultadas por ele, tanto para acessar obras literárias quanto ideias críticas divulgadas pela revista e que contribuíram à formação da postura ímpar que o autor teve frente ao projeto localista do Romantismo brasileiro.

**Palavras-chave:** Romantismo brasileiro, Álvares de Azevedo, periodismo literário, leitura, literatura comparada

---

\* Doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo (Brasil), bolsista FAPESP. Sua pesquisa de doutorado é intitulada “Um leitor inconformado: Álvares de Azevedo e o periodismo do século XIX”, e é orientada pelo Prof. Dr. Eduardo Vieira Martins. Entre 2014 e 2015, realizou estágio de pesquisa na Université Paris 8 – Vincennes/Saint-Denis, com auxílio da CAPES e supervisão da Profa. Dra. Maria Helena Araújo Carreira.

## Résumé

Cet article analyse la manière dont l'écrivain romantique Álvares de Azevedo s'approprie des idées véhiculées par le journalisme littéraire français en circulation au Brésil au XIX<sup>e</sup> siècle, dans le but d'écrire des essais littéraires. Pour démontrer que cet auteur a acquis une autonomie relative par rapport à ses sources, grâce à une lecture très critique, l'article étudie deux de ses essais, à savoir: « George Sand : Aldo o rimador » et « Alfredo de Musset : Jacques Rolla ». Le fait que les deux textes traduits et commentés par Azevedo aient été publiés dans un même numéro de la *Revue des deux mondes* (1833) suggère que cette publication est une des sources principales qu'il a consultées, soit pour lire des oeuvres littéraires, soit pour acquérir des idées critiques qui sont à la base de sa position alternative devant le projet local du Romantisme brésilien.

**Mots-clé :** Romantisme brésilien, Álvares de Azevedo, journalisme littéraire, lecture, littérature comparée

## Introdução

Manoel Antônio Álvares de Azevedo (1831 – 1852) escreveu quatro ensaios representativos de um tipo de crítica literária produzida nos ambientes acadêmicos no Brasil do século XIX. São eles “Literatura e civilização em Portugal”, “Alfredo de Musset: Jacques Rolla”, “George Sand: Aldo o rimador” e “Lucano”. À exceção do ensaio acerca de “Rolla”, parcialmente publicado no periódico acadêmico *Ensaio Literários*, em 1850, de um discurso acadêmico e de alguns poucos poemas, toda a sua obra é de publicação póstuma. Além dos trabalhos consagrados à crítica, o autor produziu uma peça de teatro, *Macário*, e um tipo de novela formada por contos mais ou menos independentes, a *Noite na taverna*. Porém, ele é reconhecido, sobretudo, pela sua produção poética, sendo a sua *Lira dos vinte anos*, publicada pela primeira vez em 1853, um dos livros de poesia mais populares do Romantismo brasileiro.

Nesse sentido, grande parte da fortuna crítica dedicada a Álvares de Azevedo concentra-se em sua produção poética, sendo seus estudos literários geralmente utilizados como complemento no debate das ques-

tões suscitadas pela sua poesia. No entanto, pesquisas mais recentes têm evidenciado que, de modo semelhante a sua produção literária, os seus ensaios pressupõem a presença de um leitor perspicaz. E, graças à essa capacidade, foi possível ao autor posicionar-se de forma ímpar diante do projeto político e literário dos românticos brasileiros, de certa forma subvencionados pelo governo central, e cuja proposta principal era a de formação de uma literatura brasileira com identidade própria, centrada na cor local e no indianismo. Tal projeto vinha no esteio de nossa independência política de Portugal, ocorrida em 1822, e congregou, em diferentes escalas, esforços de toda a intelectualidade do período. T tamanha mobilização resultou, de acordo com Irineu E. J. Corrêa, numa “articulação com força de norma e verdade, cuja transgressão resulta em variadas reações na defesa de seus eleitos e ataque de seus agressores [...]”<sup>1</sup>

### Um leitor a seu modo engajado

Até mesmo a correspondência pessoal de Álvares de Azevedo deixa entrever a importância que ele dedica à leitura, sendo considerado, desde muito jovem, “mais que assíduo leitor, [...] um devorador de livros”<sup>2</sup>. Numa carta remetida a um amigo, datada de março de 1850 e redigida durante as férias escolares, Azevedo afirma:

Não tenho passado ocioso estas férias, antes bem trabalhadas de *leitura* tenho-as levado. Nesse pouco espaço de três meses *escrevi* um romance de duzentas e tantas páginas; dois poemas, um em cinco e o outro em dois cantos; uma análise do *Jacques Rolla* de Musset; e uns estudos literários sobre a marcha simultânea da civilização e poesia em Portugal, bastante volumosos; um fragmento de poema em linguagem muito antiga, mais difícil de entender que as *Sextilhas de Frei Antão*, noutra gosto porém, mais ao jeito do *Th. Rowley*, de Chatterton.<sup>3</sup>

Com base neste fragmento, torna-se perceptível que, para Azevedo, a escrita surge quase como consequência da leitura, sendo ambas aparen-

<sup>1</sup> Irineu Eduardo Jones Corrêa, “Bernardo Guimarães, crítico de Gonçalves Dias”, in Celina Maria Moreira de Mello e Pedro Paulo Ferreira Catharina (org.), *Crítica e movimentos estéticos: configurações discursivas do campo literário*, Rio de Janeiro, 7Letras, 2006, p. 96.

<sup>2</sup> José Veríssimo, “História da literatura brasileira, 1916”, *apud* Álvares de Azevedo, *Obra completa*, Organização de Alexei Bueno, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2000, p. 43.

<sup>3</sup> Álvares de Azevedo, “Correspondência”, *op. cit.*, p. 822-3 (grifos nossos).

temente indissociáveis. Tal interligação é assinalada, em sua obra crítica, por meio de um processo constante de referência bibliográfica, o que não raro lhe rendeu opiniões negativas.

Para além da conhecida verbosidade romântica e de uma possível pretensão erudita,<sup>4</sup> é possível pensar as marcas de leitura presentes nos ensaios literários de Álvares de Azevedo como registro de uma atividade reflexiva, que se pretendia multiplicadora, deixando diversas possibilidades de diálogo abertas, em contraposição a um projeto hegemônico. Pode-se, assim, concebê-las como sendo “práticas de leitura”, noção discutida por João Adolfo Hansen, a partir de diversos autores. Para Hansen, ao contrário do “ato de leitura”, que se circunscreve ao indivíduo empírico e às suas motivações psicológicas, a “prática de leitura” não apenas abrange esse primeiro nível, como também avança em direção a algo mais amplo, englobando a “posição-leitor”, que seria um ponto de convergência entre o indivíduo, as leituras precedentes de uma determinada obra e o próprio meio no qual a pessoa que lê está inserida, pois “a leitura sempre é feita no presente de um corpo já tatuado pela cultura”.<sup>5</sup> Assim, duas variáveis básicas se colocam em relação: “de um lado, os condicionamentos sociais do leitor e sua liberdade relativa de inovação; de outro, a estrutura retórica ou as convenções simbólicas do texto, que sempre constituem o destinatário, prescrevendo-lhe o modo adequado de ler.”<sup>6</sup>

Embora Hansen discuta com mais especificidade a leitura literária, entende-se aqui as suas considerações para a leitura de uma forma geral, pois, tendo em vista o nível de aprofundamento exigido na recepção do texto ficcional, pressupõe-se que a sua interpretação mobilize as capacidades necessárias para leitura de outros tipos de textos.<sup>7</sup> No caso dos ensaios de Álvares de Azevedo, nota-se uma gama variada de fontes bibliográficas, que abrange a leitura de obras literárias traduzidas, analisadas ou apenas aludidas por ele, e a de textos não-ficcionais, como, por exemplo, os de crítica literária, que contribuem com a posição metodológica assumida nos ensaios. Ao colocar

<sup>4</sup> Cf. José Brito Broca, *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*, São Paulo, Polis, 1979, p. 320.

<sup>5</sup> João Adolfo Hansen, “Reorientação no campo da leitura literária”, in Marcia Abreu e Nelson Schapochnik (org.), *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*, Campinas, Mercado das Letras; São Paulo, Fapesp, 2005, p. 13.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 26.

<sup>7</sup> Karlheinz Stierle, “Que significa a recepção do texto ficcional”, in Luiz Costa Lima (org.), *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*, 2ª ed, Rio de Janeiro, Paz e terra, 2002, p. 123.

em relação esse conjunto de escritos, o autor se justapõe a uma longa história de leitura, procurando reatualizá-la, discuti-la, sempre a partir da posição que ocupa na sociedade brasileira do século XIX, patriarcal e escravocrata, na qual “ler é luxo; e a leitura literária, o supra-sumo dele”<sup>8</sup>.

Sob essa ótica, os ensaios literários de Azevedo tornam-se um rico e complexo registro da recepção das leituras feitas pela pequena elite letrada brasileira, entre as décadas de 1840 e 1850. Dessa maneira, mesmo que sejam textos ditos de exceção, por não assumirem a postura nacionalista então esperada, ainda assim não se pode dizer que eles estejam à margem das discussões do período, já que procuram estabelecer um diálogo com seus possíveis leitores, notadamente os pares acadêmicos de Azevedo na Faculdade de Direito de São Paulo, circunscrevendo-se a um determinado “horizonte de expectativas”<sup>9</sup>, mesmo que, ao fim, seu objetivo talvez fosse subverter esse mesmo horizonte.

Dessa forma, pode-se reconhecer a postura alvaresiana na maneira como Karin Volobuef descreve a relação entre escritor romântico e público leitor. Para ela,

o romântico não intenta *satisfazer* o leitor comum, disposto apenas a servir-se da literatura como passatempo ou entretenimento. Ele deseja, ao contrário, *produzir* um leitor intelectualmente ativo que se disponha a aceitar o desafio de abordar o texto de modo crítico e independente.<sup>10</sup>

E, na tentativa de fomentar a existência do leitor tal qual ele “intelectualmente ativo” e não mero replicador do que lia nos periódicos em circulação no país, Azevedo produz um tipo de crítica que, a partir de leituras relativamente comuns naquele período – a *Revue des deux mondes*, os escritores franceses da geração de 1830 –, reordena esse mesmo referencial em prol de outras demandas, no que tange à fundação de nossa literatura. Nesse sentido, pode-se dizer que ele seleciona ativamente ideias que contribuam para um projeto crítico particular<sup>11</sup>.

<sup>8</sup> João Adolfo Hansen, *op. cit.*, p. 23.

<sup>9</sup> Karlheinz Stierle, “Que significa a recepção do texto ficcional”, in Luiz Costa Lima (org.), *op. cit.*, p. 129.

<sup>10</sup> Karin Volobuef, *A prosa de ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil*, São Paulo, UNESP, 1999, p. 71.

<sup>11</sup> Salvaguardadas as devidas diferenças, as apropriações feitas por Álvares de Azevedo podem ser pensadas em termos de transferência cultural. Cf. Michel Espagne e Michael Werner, *Transferts. Les relations interculturelles dans l'espace franco-allemand*, 2ª ed., Paris, PUF, 1995.

### A crítica literária de Álvares de Azevedo

É, então, a partir de um processo profícuo de leituras que Álvares de Azevedo escreve seus textos, podendo impactar na formação de outros leitores e, conseqüentemente, influir no debate dos rumos da literatura brasileira no oitocentos. Nesse sentido, os ensaios “Alfredo de Musset: Jacques Rolla” e “George Sand: Aldo o rimador” funcionam como exemplo das frentes que o autor procura abarcar em suas reflexões: por um lado, ele pretende divulgar obras de autores importantes para sua geração, à medida que comenta e traduz fragmentos dos poemas aludidos e, por outro, através das questões que ele suscita em torno deles, demonstrar outros caminhos, que não o do localismo, para o projeto de constituição de nossa literatura, chegando a questionar, mais de uma vez, a validade do discurso indianista. Em ambos os casos, o acesso a tais textos motivadores se deu por meio da imprensa.

É sabido o grande desenvolvimento que a imprensa conheceu ao longo de todo o oitocentos, tanto em níveis estruturais, quanto sociais, fazendo com que ela se tornasse não apenas um veículo de comunicação, em escala mundial, mas um agente doutrinador. A possibilidade de acesso a diversos produtos culturais por meio desse veículo é importante para Álvares de Azevedo e para a toda a elite letrada brasileira do século XIX, que via na interlocução com a Europa o caminho para o fortalecimento de nosso meio intelectual pós-independência.

Nesse momento de apogeu da imprensa, a cultura ganha um novo lugar que será valorizado através da eclosão, na primeira metade do século, de um novo tipo de publicação: as revistas. Publicações que, grosso modo, encontravam-se entre a imediatez do jornal e o aprofundamento do livro<sup>12</sup>. Dentro dessa atmosfera de maior possibilidade comunicacional, muitas delas se propuseram um papel de intermediação cultural, publicando matérias que apresentavam um panorama amplo e, por vezes, estereotipado, de diversos povos do mundo, formado a partir de sua literatura, cultura, política, etc.

Dentre elas, a mais citada por Azevedo é a *Revue des deux mondes*, periódico francês fundado em 1829, de notável aceitação no seio da intelectualidade brasileira e mundial. Uma proposta de passagem cultural pode ser entrevista desde o seu título, bem como em sua linha editorial,

---

<sup>12</sup> Katia Aily Franco de Camargo, *A Revue des deux mondes: intermediária entre dois mundos*, Natal, EDUFRN, 2007, p. 27

exposta no primeiro volume. Para os editores,

il importe donc de bien connaître ce qui se passe ou ce qui s'est passé chez les autres peuples, afin de n'adopter de leurs institutions que ce qui pourrait s'appliquer à nos mœurs, à notre caractère, aux progrès de nos lumières, à la position géographique de notre territoire.<sup>13</sup>

Embora a revista objetive proporcionar a seus leitores conhecimentos sobre o estrangeiro, é inegável o cunho utilitarista e, por vezes, etnocêntrico de sua linha editorial, que se torna mais evidente em artigos que depreciam determinadas organizações sociais quando comparadas àquela que vigorava na França, e não aquela do interior francês, mas, em muitos casos, a de Paris.<sup>14</sup> Diante dessa perspectiva que, em mais de uma ocasião, desqualificou o meio cultural das Américas em comparação à matriz europeia e prescreveu o exotismo e a cor local como únicas possibilidades de fortalecimento a essas jovens literaturas,<sup>15</sup> resta-nos refletir sobre qual seria a postura assumida por Álvares de Azevedo enquanto leitor desse periódico.

As duas obras discutidas por ele nos ensaios aqui analisados foram divulgadas num mesmo volume da RDM, em 1833. O poema “Rolla”, de Alfred de Musset, conta a trajetória de um jovem cético, proveniente de uma camada média da sociedade francesa, que se entrega a uma vida errante, após o recebimento da herança paterna. Em apenas três anos, ele esgota todos os seus meios de subsistência em banquetes e jogos. Vendendo-se pobre, ele decide matar-se num prostíbulo, no qual pretende gastar suas últimas moedas. Lá, encontra Marion, menina prostituída pela própria mãe devido à pobreza em que ambas se encontravam. É nos braços dela que o jovem experimenta seu primeiro e derradeiro minuto de amor verdadeiro, antes de ingerir o veneno que o mata.

O drama *Aldo le rimeur*, de George Sand, narra os insucessos de um jovem poeta miserável, desde a sua luta pela sobrevivência e pela glória poética frente às leis do mercado – o que ocasiona a morte de sua mãe

<sup>13</sup> “Avertissement”, *Revue des deux mondes*, Tomo I, série 1, Paris, au bureau de la *Revue des deux mondes*, 1829, p. I.

<sup>14</sup> Ver Cte. Suzannet, “Le Brésil en 1844”, *Revue des deux mondes*, Tomo II, Paris, au bureau de la RDM, p. 849-909.

<sup>15</sup> Ver Philarète Chasles, “De la littérature dans l’Amérique du Nord”, *Revue des deux mondes*, Tomo III, 4ª série, Paris, au bureau de la RDM, 1835, pp. 169-202.

devido à falta de recursos –, até o encontro misterioso com a rainha Agandecca e seu acolhimento no palácio real. Mesmo sob a proteção da soberana e obtendo a estima da corte, o poeta não se isenta das dúvidas existenciais e de uma sensação de deslocamento em relação às estruturas da sociedade, considerando a possibilidade de matar-se para se libertar de suas angústias. O que o dissuade dessa resolução, ao menos momentaneamente, é uma conversa com o astrólogo da rainha, o Dr. Acrocronius, que o convida para admirar um eclipse lunar. A última cena descreve o percurso de ambos rumo à montanha que garantiria um melhor ponto de observação do fenômeno, conferindo a essa obra um final aberto e enigmático.

Azevedo destaca os aspectos antitéticos presentes no poema de Musset, especialmente a oposição fé/descrença, o que sugere que ele quer apresentar uma obra que se valia da teoria dos contrastes, cujo maior expoente na França foi Victor Hugo, e da qual o poeta brasileiro também fez uso, notadamente na composição binômica da *Lira dos vinte anos*. Em “George Sand: Aldo o rimador”, os conflitos intrínsecos da individualidade romântica são retomados de um outro ângulo: a do *status* da arte poética dentro de uma sociedade em franco processo de industrialização, contexto que impacta negativamente na manutenção das artes e de seus cultores, de acordo com o poema de Sand.

Para além da tradução/divulgação das obras e da discussão proposta em torno dos problemas que elas levantam, é possível entrever uma perspectiva que orienta a abordagem dos dois poemas: nos seus ensaios, Azevedo procura evidenciar os empréstimos que são feitos pelos autores analisados, assumindo, a nosso ver, um viés comparatista, totalmente lastreado pela RDM e pelo fortalecimento dos estudos de literaturas estrangeiras (ancestrais dos estudos de literatura comparada), publicados nessa mesma revista, a partir de 1830.<sup>16</sup>

No ensaio dedicado a “Rolla”, nota-se, desde o princípio, a intenção de marcar a sobreposição de diferentes civilizações na constituição de uma herança literária da qual o poeta francês não hesita em se servir. Preservando a análise baseada na teoria dos contrastes, o autor procura demonstrar que mesmo a literatura grega, base da civilização ocidental,

<sup>16</sup> Para uma discussão pormenorizada sobre as relações entre as cadeiras de literaturas estrangeiras e a literatura comparada, na França, ver: Michel Espagne, *Le paradigme de l'étranger: les chaires de littérature étrangère au XIX<sup>e</sup> siècle*, Paris, CERF, 1993.



já continha em si traços de outras culturas. Assim, ele inicia seu artigo da seguinte maneira:

o gênio é como o Jano latino: tem duas faces. No Homero daquela Grécia inda vibrante das tradições selváticas dos autóctones – dos mitos romances dos Pelásgios, que a colonização Egípcia viera nublar do seu misticismo – há a *Iliada*; e [...] entre a tragédia com seu entrecho épico, e a comédia em embrião com a sua sátira aristofânica [...], a *Odisseia*.<sup>17</sup>

Contudo, o principal ponto de apoio do qual Azevedo se vale para tecer suas comparações é a poesia de *lord* Byron, especialmente no que tange ao sentimento de descrença que ela aporta, transfigurado no tom cético assumido pela personagem Rolla. Afinal, conforme o ensaísta, “no licor com que Musset purpuriza sua taça, sente-se o ressaibo dos vinhos queimadores de *Lord* Byron”.<sup>18</sup> Por sua vez, o poeta inglês deixa aflorar os elementos gregos que apreendeu em sua estadia nesse país. Nesse sentido, Azevedo o descreve como “o homem que ia se embeber de poesia nas mesmas montanhas onde a poesia grega impregnara suas lendas imorredoiras [...]”.<sup>19</sup>

A utilização de termos como “ressaibo”, “embeber”, “impregnar” evidencia a existência de um mecanismo de transmissão entre os poetas, bastante valorizado por Azevedo, sendo que, aquele que se encontra na ponta da cadeia, neste caso, Musset, não tem, em nenhum momento, sua produção literária diminuída por operar essa apropriação. Aliás, o poeta francês poderia até mesmo aprimorar-se ao ocupar esse lugar, à medida que, ao ler Byron, ele teria contato não só com o estilo do poeta inglês, mas também com a tradição grega da qual este se impregnara. Para Azevedo,

Alfredo de Musset é uma dessas almas de poeta, que se batizaram do ceticismo das ondas turvas de Byron. Não é um plagiário contudo – não é um árido imitador. – Mal fora dizer de seus poemas – eis ai uma cópia. [...] É uma ideia funda, como um líquido negro que se lhe injetou pelas artérias – uma vida febril de alheia seiva que se denuncia nas tintas.<sup>20</sup>

<sup>17</sup> Álvares de Azevedo, “Alfredo de Musset: Jacques Rolla”, *op. cit.*, p. 678.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 679.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 700-701.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 679.

As relações de fonte/influência com as quais Azevedo está trabalhando são marcadas pela presença de metáforas hídricas como ‘onda’, ‘líquido’, ‘seiva’, que apontam tanto para a ideia de fluidez, quanto de circulação. Porém, ao mesmo tempo em que o crítico usa um conceito tradicional, cabível naquele contexto, nota-se que o seu sentido é estendido, já que Musset, mesmo imbuído das leituras que faz, não teria diante delas uma postura passiva de recebimento, mas ele se nutriria delas para a criação de novos objetos estéticos.

A ascendência de Byron se faz sentir também no estilo de George Sand, porém, em menor escala, segundo Azevedo; o que talvez o leve a eleger um outro autor para servir de contraponto em sua análise de *Aldo le rimeur*. Ele se vale, então, de uma peça de Alfred de Vigny, intitulada *Chatterton* (1835), poeta inglês cuja curta vida, permeada pelo escândalo do plágio poético e findada tragicamente pelo suicídio, tornou-se uma espécie de mito para muitos escritores românticos. O que se evidencia ao longo dessa comparação é que dois autores de mesma nacionalidade, Vigny e Sand, trabalham temática semelhante, desenvolvendo, entretanto, um tratamento distinto para ela.

Por isso, para Azevedo,

Aldo é, como Chatterton – um poeta que se acabrunha na miséria. Até aí a ideia de Sand se funde na de Alfredo de Vigny: – contudo, na justa entre o melodioso cantor de *Eloá* [...] e Sand ardente, a esta devia caber o laurel. O *Chatterton* que teve quarenta representações seguidas apesar de seu nenhum interesse *dramático* [...] é contudo uma sombra ante a riqueza bem imaginativa da criação do *Aldo*.<sup>21</sup>

A tradução alvaesiana se concentrará, sobretudo, em torno dos monólogos das peças, momentos de maior subjetividade, nos quais os protagonistas expõem suas crenças. Tal percurso vem reforçar a proximidade biográfica e ideológica dos dois personagens, ambos órfãos, de origem humilde, sensíveis em relação aos destinos da humanidade, à qual devotam uma confiança que não lhes é retribuída. Dessa forma, a diferença decisiva entre as obras residirá na cena final: George Sand opta por um desfecho que tende à distensão cômica, deixando o suicídio do poeta em suspenso, enquanto Vigny trabalha com a tensão paté-

<sup>21</sup> Álvares de Azevedo, “George Sand: Aldo o rimador”, *op. cit.*, p. 665.

tica, apresentando na última cena o cadáver de Chatterton.<sup>22</sup>

A originalidade e a qualidade das obras analisadas é, mais uma vez, ressaltada, sugerindo que Azevedo acredita ser possível o desenvolvimento de temas que se assemelham, por artistas contemporâneos, o que ainda assim contribui para o enobrecimento da literatura pátria. O estudo da influência, nesse caso, dá-se a partir do contato entre escritores de um mesmo país, sendo que um deles consegue apropriar-se produtivamente de uma ideia estrangeira (a vida do poeta inglês Chatterton), enquanto o outro, já contanto com essa obra no horizonte, consegue produzir uma outra, até mesmo mais criativa, segundo Azevedo. Isso faz crer que o olhar para o externo faz parte do desenvolvimento das letras nacionais, convertendo-se em etapa necessária e produtiva.

Esse ambiente de circulação e trocas culturais encontrava-se favorecido pela RDM, não apenas por sua linha editorial, mas pelo vigor dos estudos de literaturas estrangeiras, desenvolvidos em universidades francesas, e cujos professores tinham seus cursos frequentemente publicados pela *Revue*. Entre estes, destacamos os nomes de Jean-Jacques Ampère<sup>23</sup> e Xavier Marmier,<sup>24</sup> ambos citados por Álvares de Azevedo, ao longo de sua obra crítica, e grandes propagadores desses estudos na França, ainda que seus nomes sejam pouco conhecidos na contemporaneidade.<sup>25</sup>

A grande preocupação dessas pesquisas era prover o leitor francês de um conhecimento sobre literaturas estrangeiras, geralmente da Europa, baseando-se na filologia de origem alemã e em grandes quadros históricos comparativos, que vinham a ressaltar, por um lado, uma origem comum aos diferentes povos do continente, devido a ondas migratórias e, por outro, uma raiz linguística igualmente comum, o grande tronco indoeuropeu. Marmier, num artigo publicado na RDM,

<sup>22</sup> *Ibid.*

<sup>23</sup> Sobre Ampère, ver Espagne, “Le début d’une discipline : Claude Fauriel et Jean-Jacques Ampère”, *op. cit.*, pp. 34-41.

<sup>24</sup> Sobre Marmier, ver Jacques Dugast, “Xavier Marmier (1808 – 1893)”, *Revue de littérature comparée*, tomo LXXIV, fascículo 295, 2000, pp. 307-316.

<sup>25</sup> Claude Pichois afirma que, juntamente com Abel-François Villemain e Philarète Chasles, esses pensadores podem ser considerados como sendo “les vrais initiateurs de la littérature comparée” na França, a medida em que eles propõem uma primeira onda sistematizada de comparatismo. Pierre Brunel, Claude Pichois et Michel André, *Qu’est-ce que la littérature comparée ?*, 3a ed., Paris, Armand Colin Éditeur, 1983, p. 18.

em 1836, elege os estudos filológicos como a melhor ferramenta para análise dos fluxos migratórios dentro do continente, revelando parentescos inauditos. Segundo ele, “on pourrait faire la carte géographique de toutes ces langues, les suivre comme autant de fleuves dans leurs sinuosités, [...] et, à l’aide de ces études philologiques, constater la migration des peuples.”<sup>26</sup>

As interligações étnicas e linguísticas resgatadas de um passado remoto apontam para uma sobreposição de diferentes culturas na composição da civilização europeia. Além disso, elas são intensificadas devido à dinâmica sofrida pelo continente naquele momento, mais intensa a partir do advento da Revolução Francesa, obrigando diversos povos a interagir. É justamente o despertar das nacionalidades acentuado ao longo do oitocentos que fomentará o interesse pelo estrangeiro, resultando numa espécie de cosmopolitismo da diferença e rompendo, de forma relativa, com a hegemonia da cultura francesa. Nesse sentido, Georges Gusdorf pontua que “à la Cosmopolis intellectuelle sans frontières, à l’Europe de l’homogénéité, succède une Europe des frontières et des différences.”<sup>27</sup>

O traço comum entre todos os povos europeus seria precisamente o fato de serem diferentes entre si. Essa característica deveria ser valorizada, pois mesmo a definição do nacional se daria por meio de um processo de alteridade. A possibilidade de um intercâmbio, a partir dessa perspectiva, está posta e é desejada, ao menos num nível intelectual, como pode ser visto nessa passagem de Philarète Chasles, publicada na *Revue de Paris*, em 1835: “tout peuple sans commerce intellectuel avec les autres n’est qu’une maille rompue du grand filet.”<sup>28</sup>

A questão que se coloca, pela primeira vez, é a da interdependência das nações, mesmo a das consideradas mais importantes. Nesse sentido, a criação das cadeiras de literaturas estrangeiras, na França, marca a necessidade desse ato de colocar-se em perspectiva por meio de uma

<sup>26</sup> Xavier Marmier Rousseau, “Lettres sur l’Islande – V. Langues et Littératures”, *Revue des dix mondes*, Tomo VIII, série IV, Paris, aux bureau de la RDM, 1836, p. 479 e 480.

<sup>27</sup> Georges Gudorf, *Le romantisme I : le savoir romantique*, Paris, Éditions Payot & Rivages, 1993, p. 290.

<sup>28</sup> Philarète Chasles, “Cours de M. Philarète Chasles à L’Athénée: Littérature étrangère comparée (séance d’ouverture)”, *La Revue de Paris*, Tomo XIII, Nova série, 1835, p. 250.

visão institucional, revelando que, “desde suas origens, a literatura comparada acha-se em íntima conexão com a política”<sup>29</sup>. Por outro lado, cabe lembrar que esse cenário não é isento de tensões, sendo que a mentalidade cosmopolita do período forneceu, em alguns casos, “uma pintura idealista da harmonia literária internacional”. Para Sandra Nitrini, essa mentalidade serviu para “contrabalançar as tendências a cerradas interiorizações, próprias de um contexto de criação de nações.”<sup>30</sup>

### Conclusão

Diante de todo esse movimento de comunicação e de intercâmbio entre as literaturas ditas matriciais, do qual Álvares de Azevedo tomava conhecimento por meio da leitura de periódicos estrangeiros, é possível que ele tenha pensado em valer-se do mesmo horizonte em sua crítica literária, a fim de alocar a literatura brasileira no movimento maior da literatura ocidental. Afinal, se escritores do porte de Byron, Musset, Sand e Vigny inspiraram-se em outras literaturas e fizeram empréstimos para construção de uma poética própria, por que não haveria de se passar o mesmo com uma literatura que estava se constituindo, como a brasileira?

E é exatamente esse o questionamento que ele coloca em “Literatura e civilização em Portugal”, ao refletir sobre “que lucro houvera – se ganha a demanda – em não quereremos derramar nossa mão cheia de joias nesse cofre mais abundante da literatura pátria; por causa de Durão, não poderemos chamar Camões nosso [...]?”<sup>31</sup> A “demanda” aludida na citação é justamente a da autonomia literária do Brasil. Para Azevedo, a manutenção de um vínculo, garantido por meio da língua, com a literatura portuguesa, aqui chamada de literatura pátria, asseguraria aos nossos escritores uma parte legítima de toda a herança ocidental aventada pelos teóricos das literaturas estrangeiras, sob a qual se poderia erigir as bases de nossas letras. A partir disso, ele pode se colocar como mais um elo na cadeia de transmissão cultural, o que fez com que ele visualizasse o projeto localista do romantismo brasileiro como limitador.

<sup>29</sup> Sandra Nitrini, *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*, 3ª ed, 1ª reimpressão, São Paulo, Edusp, 2015, p. 21.

<sup>30</sup> *Ibid.*

<sup>31</sup> Álvares de Azevedo, “Literatura e civilização em Portugal”, *op. cit.*, p. 715.